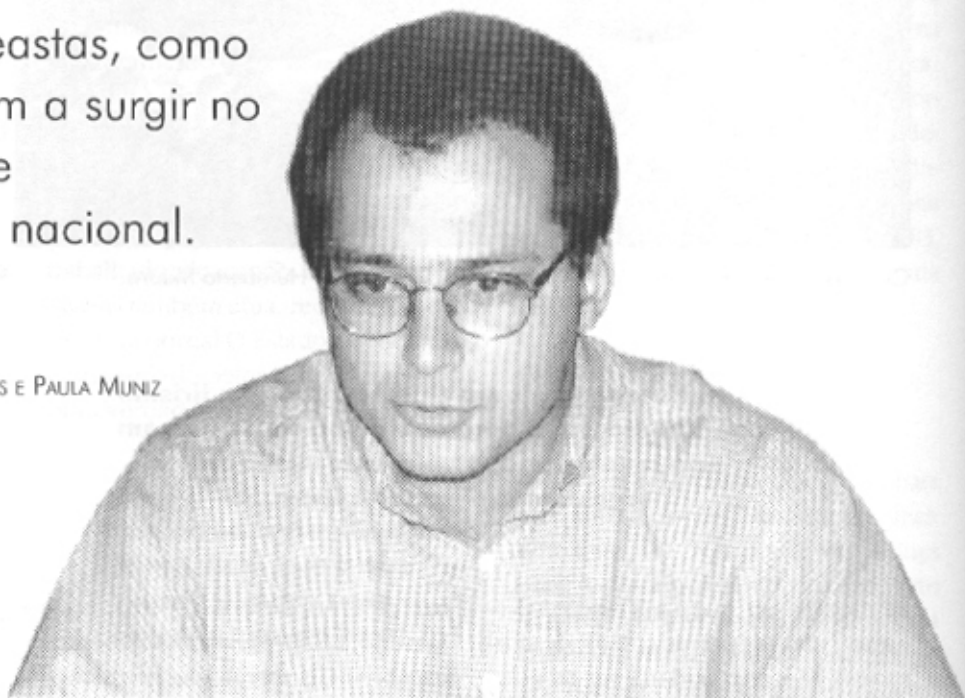


ENTRA EM CENA O CINEMA NACIONAL

Novos roteiristas e cineastas, como Moisés Liporage, voltam a surgir no Brasil, movimentando e modificando o cenário nacional.

CARLA CLARK, PATRÍCIA ANDRADE, PATRÍCIA LOPES E PAULA MUNIZ



"Eu sou gente que pensa!" afirma Moisés Liporage, 31 anos, roteirista. O ex-aluno de jornalismo da PUC-Rio confessa que, quando o assunto é cinema, ele só quer saber de escrever. Colocar a mão na massa, como faz um produtor, não é a sua praia. Autor do filme *Negociação Mortal* - uma parceria com o diretor Marcelo Taranto - Moisés já foi ator mirim da Rede Globo, escreveu para teatro e televisão. Um apaixonado por Woody Allen e Fellini, ele fala dos grandes roteiristas, sobre o futuro do cinema e da televisão brasileira, que para ele só tem uma saída: o telefilme.

ECLÉTICA - Como é o filme?

M. Liporage - O personagem principal, vivido por Gracindo Júnior, conhece uma mulher que prevê que ele morrerá sete anos depois. A princípio, não leva a sério, mas essa

previsão o fica incomodando. O filme se passa nos sete anos depois, dia em que seria sua morte. Nessa data, ele fica exposto a várias situações de perigo. A grande novidade da trama é colocar um personagem realista e pragmático, diante dessa situação inusitada.

Sempre deve haver espaço para filmes diferentes e independentes. Mas eu não escolheria esse caminho, pois gosto de contar histórias

ECLÉTICA - Como surgiu a idéia para fazer este roteiro?

M. Liporage - Eu escrevi o roteiro em parceria com Marcelo Taranto, que é diretor de filmes. A idéia surgiu de um caso curioso que aconteceu comigo. Há

14 anos, uma amiga leu a minha mão e previu que eu iria morrer do coração aos 64 anos. Não penso nisso todo dia, mas lembro muitas vezes.

ECLÉTICA - Como aconteceu a parceria com o Marcelo Taranto?

M. Liporage - Eu conheci o Marcelo quando fiz um workshop de direção para teatro com ele. Conte para ele que era jornalista e que escrevia. Um ano depois resolvemos fazer esse roteiro. Foi ele quem conseguiu o patrocínio. Ele é "gente que faz". Eu sou gente que pensa e empaca.

ECLÉTICA - Quanto tempo levou para fazer o roteiro?

M. Liporage - Três anos e meio. Parece história de cinema, mas quando recebi a notícia de que o filme seria produzido estava em Ibitipoca, interior de Minas e nem acreditei. O filme acabou de ser rodado, mas o trabalho

não acabou: ainda falta a montagem e saber como será a distribuição.

ECLÉTICA - O fato de Marcelo Taranto ser diretor foi uma vantagem nesta parceria?

M. Liporage - Certamente. Eu tinha um crítico ao meu lado, um advogado do diabo. Quando dava uma boa idéia, ele elogiava; quando não, ele criticava. Confesso que tenho mais impulsos comerciais que o meu parceiro de roteiro, que é mais europeu. Essa mistura deu um bom resultado.

ECLÉTICA - Como surge um roteiro? Existem etapas a serem seguidas?

M. Liporage - Elas existem, mas eu demorei para reconhecer isso. Existem histórias que eu escrevo há nove anos justamente por esse motivo. Até hoje eu fico remendando meus roteiros. É como se eu tivesse construído um prédio com a planta inacabada. Um roteiro feito sem estrutura sempre fica mal sustentado. Para começar, tem-se uma idéia fechada: com começo, meio e fim; depois é necessário que se faça a sinopse, uma espécie de resumo da história. Além disso, você tem que estar com os personagens bem construídos: saber mais coisas deles que os próprios. Depois disso tudo, ainda tem que ser feita uma "escaleta", espécie de estrutura cena a cena, a espinha dorsal do roteiro. Existem roteiristas que não escrevem em papel corrido, e sim em cartões separados. Eles os penduram no varal e ficam olhando para, se for preciso, mudar a ordem das cenas. Com a escaleta pronta, você fica tranquilo para escrever o roteiro.

ECLÉTICA - O que você acha dos manuais de roteiros?

M. Liporage - Eu li todos, pois se aprende muita coisa. Mas é preciso ser crítico, já que não basta ler manuais. Um bom roteirista tem que ver filmes. *Teoria e prática de roteiro*, de Doc Comparato, é um dos manuais que recomendo. Para mim, esse médico que virou roteirista é um gênio.

ECLÉTICA - Para você, quais são os melhores diretores e qual roteiro você gostaria de ter escrito?

M. Liporage - São muitos: Martin Scorsese, Quentin Tarantino, Woody Allen e Coppola. Quanto ao roteiro, gostaria de ter escrito qualquer um de Woody Allen. Além desses, gosto muito do Fellini.

ECLÉTICA - Você acredita que ainda haja espaço para esse tipo de cineastas?

M. Liporage - Sempre deve haver espaço para filmes diferentes e independentes. Mas eu não escolheria esse caminho, pois gosto de contar histórias. Fellini não tinha um roteiro muito fechado, abrindo muito espaço para construir no set de filmagens. Acho-o extremamente autobiográfico.

No cinema novo, a crítica aplaudia e o público fugia. Já nas chanchadas, o público ia, mas a crítica pichava

ECLÉTICA - E diretores como Spielberg e Oliver Stone?

M. Liporage - O Spielberg é comercial, mas visionário. E tem uma coisa que, para mim, é fantástica: muita grana. Se ele vier a filmar a lista da lavanderia dele, vai ser um sucesso. Diferente do meu caso.

Ficha Técnica

Filme: *Negociação Mortal*

Roteiro: Moisés Liporage e Marcelo Taranto

Direção: Marcelo Taranto

Atores: Gracindo Júnior, Osmar Prado, Fábio Assunção, Estér Góes, Beth Goulart, Othon Bastos e Tônico Pereira

Orçamento: R\$ 1,5 milhão

ECLÉTICA - O que você acha das produções independentes?

M. Liporage - Tem muita gente que está tentando montar produções independentes. Felizmente, existe o Robert Redford. O Sundance Institut, criado por ele, está viabilizando muitas produções. Existe espaço para todo mundo, mas, realmente, os americanos sabem contar histórias como poucos.

ECLÉTICA - Como você vê este resgate do cinema brasileiro? É possível viver dessa arte no Brasil?

M. Liporage - Até os anos 80, os diretores acreditavam que podiam escrever seus próprios roteiros. Mas o público costuma se afastar desse tipo de cinema, porque a história é mal contada. No Brasil, há poucos roteiristas fazendo cinema e vivendo com essa renda, mas vários nomes estão surgindo e, o que é melhor, eles estão sendo chamados pela indústria; coisa que não acontecia há dez anos atrás. As empresas estão confiando no cinema, vendo-o como um bom investimento. As leis também estão ajudando. Atualmente, é grande o volume de produção. É bom aproveitar essa fase.

ECLÉTICA - Como a crítica vê essa nova fase do cinema nacional?

M. Liporage - Raramente, na história do cinema nacional, público e crítica aplaudiram o nosso cinema. No cinema novo, a crítica aplaudia e o público fugia. Já nas chanchadas, o público ia, mas a crítica pichava. Agora, o público está indo ao cinema e a crítica está gostando.

ECLÉTICA - O que você acha dos programas em película? Seria uma saída?

M. Liporage - A saída para a televisão brasileira são os telefilmes feitos em película. Nos EUA, isso já é feito e o mercado de trabalho dos roteiristas aumentou bastante, já que cada filme tem mais de dois roteiristas. Com o telefilme, os roteiristas não ficariam mais a mercê de novelas, minisséries ou especiais da Globo.